


«Um fascinante vislumbre do que existe antes da vida.»

WAYNE W.
DYER
e DEE GARNES

Memórias do Céu

Recordações
de crianças
antes da sua
vida na Terra



 nascente

Índice

Introdução pelo Dr. Wayne W. Dyer	11
Introdução por Dee Garnes	15

Capítulo 1

Memórias do Céu	21
-----------------------	----

Capítulo 2

Memórias de Vidas Passadas	53
----------------------------------	----

Capítulo 3

Memórias da Escolha dos Pais	79
------------------------------------	----

Capítulo 4

Memórias de Reencarnações em Família e Inversão de Papéis	111
--------------------------------------------------------------------	-----

Capítulo 5

Memórias de Ligações Espirituais à Nossa Fonte 133

Capítulo 6

Sabedoria Mística e Precognitiva 157

Capítulo 7

Amigos Invisíveis e Visitas Espirituais 183

Capítulo 8

Histórias de Anjos 213

Posfácio 233

Para o Sailor, o mais recente membro da família.

— Wayne

Para o meu marido, Trey; e para os nossos filhos Marcus e Shiloh.

— Dee

Introdução

pelo DR. Wayne W. DYER

Toda a vida gostei de crianças, particularmente de recém-nascidos, lactantes e crianças pequenas. Se houver um bebé na sala, é quase como se houvesse uma ligação magnética que me chama a atenção e tenho de estabelecer contacto. Sendo eu pai de oito filhos, passei horas intermináveis simplesmente a olhar o membro mais recente da família nos olhos. Nestes momentos privados, muitas vezes envio mensagens silenciosas e questionadoras pedindo-lhes que me falem de Deus, e de como é o mundo espiritual sem forma.

Passei muitas, muitas horas da minha vida deitado no chão a estabelecer contacto direto com os nossos filhos recém-nascidos. Há muito que estou fascinado com o facto de as crianças aparecerem por cá já com traços de personalidade. Adoro pedir às crianças, que estão a começar a comunicar através da linguagem, para me dizerem de que se lembram acerca das suas experiências antes de virem para cá nesta

reencarnação terrena. De facto, todo este livro foi criado porque a coautora, Dee Garnes, se envolveu numa conversa dessas com o seu filho, o Marcus, que estava a aprender a comunicar com palavras soltas. (Podem ler esta deliciosa conversa na Introdução da Dee, que se segue à minha.)

Neste livro, pedi a adultos de todas as proveniências e classes sociais para partilharem a sabedoria dos filhos pequenos, e incluí muitas das minhas próprias experiências com as memórias dos meus filhos. Depois de ler as respostas que a Dee e eu recebemos de pessoas de todo o planeta, estou mais do que convencido de que há muitas mais coisas na nossa vida do que apenas os curtos anos que nos são atribuídos aqui na Terra. E são os nossos filhos e filhas pequenos que nos podem dar um vislumbre do mundo insondável, infinito e invisível que nos cabe descobrir. Afinal, não tiveram muito tempo para o esquecer.

Sempre gostei do poema escrito pelo poeta inglês William Wordsworth, intitulado «Ode: Intimations of Immortality from Recollections of Early Childhood» («Ode: Declarações de Imortalidade das Memórias da Infância»). Um dos versos diz: «O nosso nascimento é apenas um sono e um esquecimento.» Quando olhava nos olhos de um dos meus filhos recém-nascidos, frequentemente pensava no que o poeta aqui diz. Toda a experiência humana é como um sonho: dormimos, sonhamos e depois acordamos, esquecendo todas aquelas experiências maravilhosas de quando sonhávamos. Mas, às vezes, recordamos alguns pedaços desse sonho, particularmente se tivermos acordado do sono recentemente. Quando olhava para

o recém-nascido milagre no meu colo, sentia a verdade das palavras de Wordsworth.

O nosso nascimento pode, de facto, ser um sono, mas nem todas as crianças o esquecem, e foi graças a essa ideia que esta compilação nasceu. Todas as memórias aqui citadas vieram de crianças que parecem ter estas recordações, tal como nós, adultos, temos quando tentamos explicar o que teve lugar nesse mundo de sonho misterioso em que entramos todas as noites, e em que vivemos durante, pelo menos, um terço da nossa vida aqui.

A Dee e eu percorremos milhares e milhares de contribuições que nos foram enviadas quando pedimos relatos pessoais relacionados com as memórias do céu que as crianças têm. Muitas das histórias que os meus filhos me passaram quando estavam a aprender a falar, que eu pensava que eram únicas para mim e para a minha família, afinal eram bastante universais — inúmeras pessoas transmitiram-nos histórias quase idênticas de crianças que contam como se lembram de escolherem os pais para esta viagem, como tinham amigos invisíveis que só elas viam, memórias de vidas passadas na mesma família, visitas a Deus e muito mais.

Hoje há muita literatura recheada de provas científicas de vidas passadas e da presença de anjos entre nós. Eu próprio tive uma viagem muito poderosa a uma vida anterior, e a minha mente expandiu-se pela minha associação próxima com académicos altamente respeitados que me deram testemunhos convincentes da realidade do reino espiritual infinito. Mas é da boca destes bebés, que aqui chegaram recentemente

e ainda trazem vestígios do céu com eles — de que falam inequivocamente —, que todos recebemos indícios do mundo transcendente. É a essas vozes que este livro é dedicado.

Em «*Recollections of Early Childhood*», Wordsworth também nos dá isto para refletirmos: «A Alma que se ergue connosco, a Estrela da nossa vida,/ teve a sua origem noutra sítio,/ E vem de longe... De Deus que é a nossa casa.» À medida que lemos atentamente sobre o mundo transcendente nestes comentários fascinantes, o que vemos e experienciamos com os nossos cinco sentidos, apercebemo-nos que estes pequenos seres estão impregnados do céu que é a nossa casa. E eles têm tanto para nos ensinar.



Introdução

por Dee Garnes

O Dr. Wayne Dyer e eu somos bons amigos há muitos anos. Começámos como vizinhos, depois ele tornou-se um dos meus clientes de massagem, e por fim comecei a trabalhar para ele como sua assistente. Desde o nascimento do meu filho, Marcus, o Wayne tem-me encorajado a fazer-lhe perguntas, como se se lembra de Deus ou como é o céu. Este livro nasceu desses conselhos.

O Marcus tinha 18 meses, e eu estava grávida da minha segunda filha, Shiloh. Estávamos sentados à mesa de jantar, a começar com a minha oração de infância preferida: «Obrigada pelo mundo tão doce. Obrigada pelos alimentos que comemos. Obrigada pelas aves que cantam. Obrigada, Deus, por tudo.»

Quando começámos a comer, estava a olhar com orgulho para aquele pequeno milagre ao meu lado que manuseava habilhoadamente o garfo, inebriado com aquela animação e radiante de orgulho de cada vez que conseguia levar a comida

à boca e comer. Brilhava com os caracóis loiros, olhos verdes profundos e pele perfeita. Lembro-me de pôr a mão na minha barriga protuberante e de me sentir incrivelmente abençoada. Surgiram-me imensas perguntas sobre estas vidas que o meu marido Trey e eu tínhamos criado (ainda estou espantada que estas pequenas criaturas lindas sejam os meus bebés).

Lembro-me de como o Trey e eu ficámos perplexos, meses antes, quando o Marcus colocou as suas mãozinhas na minha barriga, batendo-me suavemente, e declarou: «Bebé! Bebé!» Eu não fazia ideia de que estava grávida da Shiloh; de facto, não podia estar grávida há mais do que um dia ou dois. Contudo, o Marcus, na sua sabedoria infinita, sentiu este começo de milagre a crescer dentro de mim e anunciou-o com absoluta certeza.

Enquanto olhava para o meu filho neste momento, pensava para mim própria: *Não sei como, mas fiz este menino, todas as suas partes físicas... mas de onde veio ele? Como desenvolveu esta consciência?* Qualquer pessoa que lida com bebés e crianças concorda que a presença deles aqui é mais do que misteriosa. Sem sequer pensar, deixei escapar com reverência: «De onde vieste?» Não esperava uma resposta; o Marcus ainda sabia poucas palavras. Para minha surpresa, deixou cair o garfo, ergueu o olhar e levantou os dois braços para o céu. Fiquei sem palavras.

Isso desencadeou a pergunta seguinte, que o Wayne me tinha inspirado a fazer: «Como é Deus?» O Marcus olhou-me diretamente nos olhos e de forma simples e descontraída, respondeu com voz doce e angelical: «Luz.»

Naquele momento, compreendi que o menino que estava sentado ao meu lado e o bebê que estava na minha barriga eram muito mais do que apenas os seus pequenos corpos. Tinham almas que continham sabedoria para além deste mundo terreno, e que estava muito para lá da minha compreensão. *Se escutarmos, percebi, eles têm tanto para nos ensinar.*

Partilhei esta história com o Wayne no dia seguinte, e ele encorajou-me a escrevê-la. Fi-lo sentada no consultório médico numa das minhas consultas pré-natais. Com a minha autorização, o Wayne postou a história na sua página do *Facebook*, convidando outros a partilhar as suas experiências pessoais também. Choveram respostas e comentários, e foi assim que este livro começou.



O meu papel em *Memórias do Céu* foi o de juntar todas as histórias e depois organizá-las em capítulos. Fiquei bastante intimidada com isto, porque havia milhares de contribuições e eu não fazia ideia do tipo de categoria em que as iria colocar. Contudo, à medida que lia cada contribuição, foi fácil ver que os capítulos se apresentavam a si próprios. O Wayne e eu depois reuníamo-nos a cada duas semanas para trabalhar um capítulo. Analisámos todas as histórias, lendo-as alto; ele levava então esse capítulo para casa e meditava nele durante uma ou duas semanas. Depois escrevia a sua introdução e sugestões para aquele capítulo.

Li inúmeras histórias e falei com muitos pais que partilharam palavras de sabedoria e recordações das suas crianças. Foi uma viagem e tanto a ler estes enunciados enquanto estava grávida e tinha uma criança pequena. Tudo isto me foi ensinando a, segundo o Wayne, «Ter uma mente que está aberta a tudo e presa a nada.» Descobri que, de facto, os anjos existem. Os amigos imaginários podem ser melhor designados como «amigos invisíveis». A sabedoria profunda talvez tenha origem em experiências passadas, não nesta vida. Alguns de nós escolhem mesmo os pais ou membros da família. As possibilidades são infinitas.

Enquanto escrevo estas linhas, o meu filho, Marcus, que agora tem dois anos e meio, está a dormir à minha direita; a minha filha, Shiloh, de oito semanas, está a dormir à minha esquerda; e identifico-me com as palavras de Charles Dickens: «Adoro as crianças pequenas, e não é coisa pouca que elas, que têm a memória fresca de Deus, também nos amem.» Sinto-me tão afortunada e abençoada por estar na presença destes dois seres de amor. E pensar que me escolheram, a mim, para ser a sua mãe faz-me sentir imensamente honrada.

Uma mulher sábia que conheci recentemente partilhou este ditado comigo: «Quando entramos neste mundo, nós choramos e todos riem. Quando deixamos este mundo, nós rimos e toda a gente chora.» Talvez a razão pela qual os bebés choram seja porque sentem saudades do sítio de onde vêm. Se escutarmos as nossas crianças com o coração e a mente abertos, podemos aprender tanto com eles — e talvez ajudar

as gerações futuras a não se esquecerem de onde vieram nem da viagem incrível e empolgante que está para lá desta viagem física.



Capítulo 1

MEMÓRIAS DO CÉU

Uma das minhas passagens preferidas de *A Course in Miracles* (*Um Curso sobre Milagres*) diz o seguinte:

A memória de Deus vem à mente calma. Não pode vir onde há conflito, porque uma mente em guerra consigo própria não se lembra da suavidade eterna... Aquilo de que *nos* lembramos é uma parte de nós... Que toda esta loucura se dissipe, e viremo-nos em paz para a lembrança de Deus, que ainda brilha na nossa mente calma.

Cada uma das histórias que aparecem neste primeiro capítulo são recordações de meninos e meninas que ainda não foram muito longe neste plano terreno dominado pelo ego ao ponto de ter uma mente que está em guerra consigo própria. Na sua essência, todas estas crianças que dão provas de terem memórias de uma existência anterior à sua chegada aqui têm

mentes calmas. As suas mentes não estão cheias de dúvidas, que conduzem a conflitos sobre o que sentem interiormente versus o que lhes dizem tantos adultos — que se esqueceram eles próprios da eterna suavidade que, em tempos, brilhou nas suas próprias mentes.


Uma mente calma está disposta a falar a verdade que se sente interiormente. É uma mente que ainda não foi condicionada a aceitar uma realidade que lhe é imposta por adultos com boas intenções e por ensinamentos culturais e religiosos. Todas as revelações deste capítulo vieram da boca de crianças pequenas, que parecem ter conhecimento convicto da sua existência antes de chegarem aqui, a este plano corpóreo a que chamamos realidade.

As declarações aqui feitas são uma amostra de entre os milhares de comentários semelhantes que a Dee e eu recebemos de pais e parentes em todo o planeta. Eu tenho uma mente calma que obviamente já se esqueceu de muita coisa sobre a minha vida antes do meu nascimento, mas é uma mente que está aberta a tudo, uma mente que não compreende inteiramente a ideia de infinito mas que está aberta à ideia de que num universo infinito não há lugar para começos e fins... infinito significa sempre, e por isso há uma invisibilidade dentro e à nossa volta que não tem início nem fim. Obviamente que não é à nossa forma física que me refiro aqui; é àquele espaço interior sem forma que nunca pode morrer e nunca nasce.

É aqui que as crianças pequenas têm vantagem. Elas falam a sua verdade e revisitam as recordações sem qualquer

preocupação com o que os outros possam pensar disso. Por exemplo, quando era pequena, a minha filha Serena, enquanto dormia, conversava literalmente numa língua que era estranha para todos da nossa família. Falava de recordações das suas vidas anteriores, e uma vez disse à minha mulher: «Tu não és a minha mãe verdadeira. Tenho uma mãe verdadeira de que me lembro, mas não és tu.»

Ao lerem estas histórias, encorajo-os a praticar uma coisa que aprendi com um estudioso do século X da Índia, chamado Tilopa. O seu conselho era «ter uma mente que está aberta a tudo e presa a nada». Permitam-se virar em paz para a memória de Deus, que possivelmente ainda brilha na vossa mente calma.



Um dos momentos mais profundos e que me fez mudar a minha vida aconteceu quando o meu filho mais velho tinha oito anos. Sean tinha sempre sido uma criança sensível, com olhos grandes, um coração do tamanho do Sol e um sorriso que conseguia iluminar uma sala. Eu tinha sido o tipo de mãe que adorava o filho e que lhe satisfazia todas as suas necessidades físicas, mas sentia sempre que faltava uma ligação — um laço pelo qual eu tão desesperadamente ansiava, mas que não sabia como alcançar. Naquela altura, não tinha a consciência espiritual ou energética para o definir; só sabia que o Sean sentia esta falta de conexão. Eu tentava compensar tomando bem conta dele e enchendo-o de

afeto, mas era excessivamente controladora e irritada. Eu não queria ser assim mas era como se este impulso tivesse vida própria.

Certo dia, o meu impulso controlador estava no auge, e nessa noite, quando meti o Sean na cama, ele começou a chorar descontroladamente. Com toda a minha compaixão, perguntei-lhe o que se passava e ele disse que queria muito a sua mãe que estava no céu. Perguntei-lhe o que queria dizer com aquilo, e ele disse-me que só queria estar com a sua mãe do céu e que não aguentava estar aqui. Isto começou a assustar-me, mas suavemente perguntei-lhe o que é que a mãe do céu lhe dava que eu não dava. Ele disse-me: «Puro amor.»

Senti o meu coração a amolecer quando olhei para o meu filho em tanto sofrimento, sentindo a falta de algo que merecia tanto, e não tinha qualquer dúvida de que o que ele me estava a dizer era real. Continuámos a falar e ele explicou-me como a sua mãe que estava no céu, juntamente com Deus, lhe disse para me escolher para sua mãe terrena, e que se lembrava de estar dentro de mim e de como estava escuro.

Perguntei ao Sean se se lembrava de como Deus era, e ele descreveu-O como sendo um ser de luz branca e cheio de amor. Soube naquele momento que o Sean tinha-me dado, a mim e a ele próprio, um presente: uma memória deste menino que queria que a sua mãe lhe desse «puro amor»! Soube que me escolheu como sua mãe para me ajudar a aprender como experienciar e expressar o amor puro e para ele o receber de mim, a sua mãe presente. Naquele dia

começou a viagem de despertar a mãe Divina que há em mim aqui na Terra!

— **ROBIN LISA HAYWOOD**

Union, Kentucky



Quando a minha filha, Sarenn, tinha pouco menos de dois anos, era muito faladora. Olhava-me nos olhos e dizia-me como estava feliz por estar comigo — as saudades que tinha de mim quando estava à espera para vir para a Terra e estar comigo, como me tinha observado do Outro Lado, tão ansiosa pelo momento em que podia vir juntar-se a mim. Ainda me tira a respiração quando penso nisso.

A Sarenn era (e ainda é) uma criança muito tranquila e descontraída. Raramente se aborrecia, mas as poucas vezes que aconteceu, chorava que queria «ir para casa.» A maior parte do tempo estávamos realmente na nossa casa, por isso eu perguntava-lhe o que queria dizer com aquilo. Ela explicava que queria voltar para casa, para o lugar onde estava antes de vir viver para aqui, para esta vida. Referia-se ao céu como «casa». Eu abraçava-a e fazia-lhe sentir que não fazia mal, que estávamos aqui juntas. É uma criança tão doce e tão sábia. Sinto-me muito abençoada e honrada por estar aqui com ela.

— **NATASHA WESTRICH WOOD**

Ballwin, Missouri



Há cerca de um ano, a minha filha e eu estávamos a brincar com uma pedra de quartzo rosa. Ela estava feliz com a pedra e depois ficou triste. Perguntei-lhe o que se passava, e ela disse: «Tenho saudades de Deus.» Perguntei-lhe porquê, e ela começou a explicar-me que quando ela estava na gruta do dragão (era assim que chamava ao ventre), falava com Deus a toda a hora. Ela disse: «Ele era puro amor.» Disse-me que, às vezes, ela tinha asas e «Deus era sempre amor» e fazia-a sentir-se «tão bem».

Expliquei-lhe que Deus ainda estava com ela. Um sorriso inundou-lhe o rosto, levantou a cabeça para o céu, olhou para mim e disse:

— Eu sei, Mamã. Deus está aqui connosco agora. Apenas tenho saudades de falar sempre com Deus.

Eu disse-lhe:

— Então, não deixes de falar... podes falar com Deus sempre que queiras.

A minha filha tem agora três anos e meio, e não passa um dia sem que ela tenha uma história ou interação com Deus. É tão poderoso e torna-nos tão humildes!

— CARLY JEANNE

Fallon, Nevada



Há anos, quando as minhas três filhas eram pequenas, meti as duas mais novas na cama, dizendo-lhes para ficarem ali sossegadas e dormirem. A Molly tinha cinco anos, e a Caroline ainda não tinha dois anos, nessa altura. Mais de uma hora depois de as deitar, ouvi rir e falar no quarto, por isso fui até lá para lhes ralhar por não estarem a dormir.

Quando me aproximei do quarto, parei de repente quando ouvi a Molly perguntar à Caroline se ela ainda se lembrava como era antes de nascer.

— Sim — respondeu a Caroline. — Lembro-me de escolher a mamã, o papá, a Liana, e a ti! Eu via-te de lá de cima! E também via a avó e o avô. Estavam a sorrir. Vi tudo!

— Ah, pois — disse a Molly devagarinho. — Caroline, estou a começar a esquecer-me...

— Eu sei.

Ambas ficaram estranhamente quietas e caladas durante vários minutos depois disto, até que a Molly começou a fazer caretas e macaquices, como costumava fazer quando tentava fazer a irmã rir e brincar.

— MAUREEN SUHADOLNIK

Springfield, Illinois



Quando o meu filho Casey tinha cerca de três ou quatro anos, havia momentos em que parecia sofrer de depressão.

Um dia estava eu a tentar descobrir o que o afligia, quando ele me disse que «só queria ir para casa». Eu perguntei-lhe:

— O que queres dizer? Tu estás em casa.

Disse que costumava viver com Deus e que queria voltar, e que era muito difícil viver aqui.

Quando lhe perguntei como era viver com Deus, disse-me que era sentir-se em casa e que se podia brincar sempre e nada de mal acontecia. Continuou a ter este mesmo tipo de conversa comigo de vez em quando durante vários meses, e eu tinha o cuidado de o ouvir sempre muito atentamente.

O Casey é agora um menino feliz, sensível, brincalhão e cheio de energia. Não sei o que se passou naquela altura, mas só o facto de o ouvir falar disso parece tê-lo ajudado. Também devo dizer que era um bebé com propensão para cólicas e muitas vezes me questioneei se isso não seria porque estava a ter dificuldade em se ajustar a este mundo.

— JENNIFER MOORE

Niles, Michigan



Quando o meu filho Joseph tinha cinco anos, partiu o braço a tentar «voar» do berço do irmão. Entrei no quarto e encontrei o Joseph a chorar, por isso peguei-o ao colo para lhe dar mimo e perguntei:

— O que é que se passa?

Ele limitou-se a olhar para mim com os olhos muito abertos e perguntou:

— Mãe, quando me vão voltar a dar as minhas asas?

Quando lhe disse que, como humano, não ia ter asas mas podia andar de avião e outras coisas, desatou a chorar e gemeu:

— Quero-as já!

A única coisa que eu podia fazer era abraçá-lo. Depois engoliu em seco, e de repente, deixou de chorar, olhou-me diretamente nos olhos e disse:

— Não faz mal, Mãe, lembro-me de que Deus disse que mas dava outra vez quando voltasse desta missão.

Depois há a minha neta, Phoebe. Ela tinha quatro anos quando a minha mãe morreu, e toda a gente tentou explicar-lhe por que é que eu estava triste. Ela subiu para o meu colo e perguntou:

— Onde está a Superavó?

Eu disse-lhe que a minha mãe tinha morrido e ido para o céu. A Phoebe disse:

— Então está com Deus e os anjos?

Respondi que sim. Ela pensou durante um bocado e depois desceu do meu colo, ficou à minha frente com as mãos na anca e fez-me uma última pergunta:

— Então, porque é que ainda estás triste?

Mesmo agora quando a saudade bate ocasionalmente, oiço esta pergunta e a lógica da minha neta, e imediatamente fico cheia de alegria.

Dias mais tarde, subiu-me outra vez para o colo.

— Estou feliz porque já não estás tão triste, Nana Sue — disse ela. — Porque sabes que agora mesmo a Superavó pode

estar a preparar-se para voltar como um bebé. Sabes? Chamam-lhe uma palavra grande que começa com um «R».

— Reencarnação? — perguntei.

Ela respondeu:

— É. Foi isso que Deus disse.

— SUSAN LOVEJOY

Coffs Harbor, Nova Gales do Sul, Austrália



Eu estava a tomar conta da minha neta, Kira, que tinha pouco mais de um ano. Estava a mudar-lhe a fralda, quando olhou para mim e disse:

— Quero ir para casa.

Expliquei-lhe que tínhamos de esperar que a mãe e o pai a viessem buscar. Mais tarde, quando os pais chegaram, eu disse-lhes que ela tinha tido saudades deles e queria ir para casa, e a resposta deles foi:

— Ela diz o mesmo quando está *em* casa.

— MARY GUSTAFSON

Alberta, Canadá



O meu filho, Michael, sofre de DAD (distúrbio abrangente do desenvolvimento) e, por vezes, ajustar-se ao mundo é-lhe

difícil. Contudo, ao longo dos seus nove anos de vida, fez mais do que uma declaração acerca de Deus e do céu. Por exemplo, há apenas dois dias, de forma completamente inopinada, começou a falar de como ajudou Deus a decidir quem seriam as suas irmãs antes de virem para cá. Diz que Deus é de um branco imaculado e antes de os bebés nascerem, Ele põe uma luz azul brilhante dentro deles, que fica sempre lá. Disse que toda a gente no céu é novo como as crianças, é «tudo amor» e há anjos por todo o lado.

A capacidade que o Michael revelou para articular tudo isto é de cortar a respiração — e lembra-me que Deus está sempre com ele, mesmo que eu o não veja devido às dificuldades que ele enfrenta.

— TRISH SULLIVAN

Bernardsville, Nova Jérсия



A minha família foi criada através da adoção. O meu filho, Parker Jose (PJ), foi adotado na Guatemala quando tinha dez meses de idade. Nasceu com uma doença cardíaca congénita, por isso, no primeiro mês de vida foi operado para corrigir o ducto arterioso (PDA), que é um orifício no coração que devia fechar-se ao nascer. O PJ era uma criança muito doce que não chorava quando as enfermeiras e os médicos o picavam com agulhas, lhe davam injeções e lhe tiravam sangue. Os trabalhadores da saúde nem acreditavam como era

agradável, sendo uma criança doente. Foi submetido a quatro operações antes de fazer cinco anos.

A minha filha, Sedona, que foi adotada na China, é três anos mais velha do que o PJ. Sempre rezei e cantei com eles à hora de ir para a cama; quando o PJ começou a falar, costumava falar à Sedona e a mim do céu. Disse-nos que Deus é muito simpático, e que ele sabia que ia ficar saudável porque Deus lho tinha prometido. Falava da beleza do céu, que havia muitas cores vibrantes, especialmente nas flores. Quando nos contava estas histórias, a Sedona olhava para ele questionando o que dizia. Andava com o dedo à volta para dizer que ele era maluco, como fazem as crianças. Quando o PJ teve a sua última operação, o cardiologista disse-nos que a operação não era um sucesso total porque não havia nada que pudessem fazer para fechar completamente o orifício. O orifício estava no centro do coração, por isso, era pouco provável que se curasse, e o PJ teria de tomar precauções para evitar uma infeção cardíaca fatal toda a vida. Contudo, um ano depois da última operação, o seu ecocardiograma anual mostrava uma situação diferente. Tinha acontecido um milagre!

O PJ lembrou a promessa que Deus lhe fez e, claro, tinha razão. É agora um saudável rapaz de 13 anos. Deus é bom!

— SANDI WILSON

Phoenix, Arizona



Eu tinha acabado de regressar de um retiro de fim de semana em que fiquei totalmente imersa no Espírito, quando o meu neto de quatro anos se sentou ao meu colo. Aninhando-se o mais que podia, olhou-me nos olhos e disse muito seriamente:

— Estou a esquecer-me de como se voa.

Foi um momento profundo na minha vida, e nunca mais o esqueci. O meu neto ensinou-me a verdade do sítio de onde vimos e de quem somos lá. Esta verdade é tão facilmente esquecida no empreendimento que é viver neste planeta. A meditação constante e as horas de oração ajudam-me a lembrar «como voar».

— **TRINA LEMBERGER**

O'Fallon, Missouri



A minha Chloe, que tem quatro anos, diz que vê «Pessoas mortas com o olho de trás» — apareceu com esta expressão por sua iniciativa. Ela disse-me que, antes de nascer, se lembra de estar sentada num círculo com os seus irmãos e irmãs anjos e a sua mãe anjo e estavam a brincar com uma bola. Diz que foi a última vez que os viu, e que está triste porque sente muitas saudades da sua família de anjos.

— **MEGAN FARLEY TUCKER***

* Um asterisco a seguir ao nome do autor do depoimento significa que o mesmo não revelou a sua localização geográfica. [N. do E.]

A minha mãe teve dois abortos espontâneos antes de a minha irmã nascer. Quando a minha irmã tinha três anos, disse à minha mãe que se lembrava de brincar com as suas outras duas irmãs no céu e que estava triste por não poder brincar com elas na Terra pois eram muito «divertidas». Também disse à Mãe que são mesmo felizes lá em cima!

— AMY ELISABETH RATTIGAN

Nova Taipé, Taiwan



Levei os meus três filhos pequenos a uma feira para crianças no parque. Uma das atividades era um projeto de arte em que prendiam um papel a gira-discos que giravam a uma velocidade baixa, e as crianças podiam escolher frascos de tinta e esguichar o papel quando andava às voltas. O meu filho, David, de três anos, escolheu o amarelo, o azul e o cor de laranja e criou uma maravilhosa explosão de cores. Deu-me o papel pintado e disse:

— É para ti, Mãe. Este sou eu quando era luz do sol com Deus, antes de nascer.

Isto aconteceu há 21 anos, e aquela explosão de cores ainda me corta a respiração quando olho para ela.

— LINDA SMITH

Richland, Washington



O meu filho, Christian, morreu em 1996, aos 14 meses, com um cancro raro não diagnosticado. Depois de morrer, tive um aborto espontâneo. Rezei ao meu filho para nos mandar um bebé que fosse perfeito para a nossa família.

Voltei a engravidar em 1997, e a médica disse-me que tinha uma gravidez falsa: todos os sintomas e não havia batimento cardíaco. Garantiu-me que não teria de passar pela mesma curetagem dolorosa por que tinha passado com o último aborto. Ia voltar ao consultório dentro de algumas semanas para me dar uma injeção que eliminaria a necessidade de curetagem. Eu tinha um forte pressentimento de que não o devia fazer. Telefonei a uma enfermeira clínica que eu conhecia, e ela disse-me que nalgumas gravidezes o batimento cardíaco pode detetar-se apenas mais tarde e que repetir a ecografia dentro de algumas semanas não fazia mal nenhum.

O meu marido e eu rezámos e aceitámos que o que sentíamos era a vontade de Deus. A injeção estava marcada para o mesmo dia da ecografia, e quando entrámos no consultório, o técnico teve o cuidado de virar o monitor para o outro lado para que não o víssemos. Quando nos disseram para ir falar com o médico no consultório ao lado, pedi ao meu marido para esperar no carro, mas o técnico insistiu que ele devia ir comigo. O médico pôs uma imagem em contraluz e com o dedo contornou um bebé — tinha detetado um batimento cardíaco! Ficámos ali sentados e chorámos, sabendo que era aquele o dia em que devíamos apanhar a injeção. Se eu não tivesse escutado aquela voz dentro de mim, a minha linda filha não estaria aqui.

Eu tinha uma fotografia na minha sala do meu marido com o Christian ao colo, no único natal que tínhamos tido com ele. Um dia a minha filha, que então tinha três anos, apontou para a fotografia e disse:

— Eu conheço-o.

Eu disse-lhe que ele morreu antes de ela nascer, por isso, nunca o tinha conhecido. Ela respondeu:

— Conheço-o de antes de eu nascer.

Eu simplesmente chorei. Ela é um milagre tão grande para nós, e mesmo com 16 anos é tão especial e sintonizada com aquela voz dentro dela.

— **SHERYL REYES-CUEVAS**

Lehigh Acres, Florida



A minha filha é a mais nova de quatro filhos. Ela insiste, desde os seus três anos, que tem saudades de cada irmão quando eles partiam para nascer. Todos abafávamos uma gargalhada quando ela contava esta história. Tem agora 13 anos e é boa aluna a ciências, e diz que ainda se lembra de se despedir de cada um dos irmãos. São tão próximos como irmãos, embora tenham anos de diferença em idade... é fascinante.

— **TAMMY SHAW**

Brooklyn, Nova Iorque



O meu marido e eu perdemos a nossa primeira filha, Beth, devido a problemas cardíacos, quando tinha quase três anos de idade. A nossa terceira filha, Amy, nascida quase cinco anos mais tarde, nunca tinha ouvido falar da Beth. Quando tinha cerca de três anos e meio, estávamos a ver um vídeo da Beth e a Amy disse:

— É a minha irmã Beth! Conheci-a no céu antes de nascer.

— **PAULA CONROY**

Gloucester City, Nova Jérсия



Quando a minha filha tinha três anos de idade, eu estava a metê-la na cama depois de lhe contar uma história. Disse-lhe como estava contente por ser mãe dela, e ela olhou para mim, muito séria, e disse que tinha passado por raios e trovões para convencer Deus que eu fosse a mãe dela. Está bem, foi bonito, mas depois ela disse:

— E lembro-me de que me doía a cabeça aqui.

Apontou para o ponto exato onde a cabeça lhe tinha ficado presa no canal de parto. Nunca lhe contei do parto dela porque era muito nova, e fiquei completamente estupefacta. Estava sempre a repetir a história dos raios e trovões — ela tem agora 30 anos, e caramba, é mesmo um furacão!

— **ROBIN WILLIS**

Granada Hills, Califórnia



O meu pai (Avô Jones) morreu na primavera de 1998, e a minha neta nasceu nesse outono. Quando tinha cerca de dois anos, a Afton estava sentada na sua cadeirinha no carro, olhando para a minha mãe, que estava de pé perto do carro. A minha neta disse:

— Estou tão triste por ela porque perdeu aquele que amava e está tão triste.

Os pais da Afton interrogaram-na sobre como podia ela saber disso, e mostraram-lhe uma fotografia do Avô Jones quando chegaram a casa. Ela disse:

— Oh, eu conheço-o. Falei com ele antes de vir para aqui!

Ficámos todos tão encantados por ouvirmos aquelas observações da Afton, já que tinha chegado há pouco do céu e era muito enfática acerca do que estava a dizer.

— **DARLENE**

Melita, Manitoba, Canadá



Quando o meu filho, Dustin, tinha cerca de dois anos de idade, íamos de carro e bateu com a mão na testa — como o anúncio que diz: «Podia ter tido uma V8.» E ele disse:

— Mãe, estou a começar a esquecer-me de como o céu é.

Escusado será dizer que me deu arrepios.

— **SHERRI JUNKINS**

Greenville, Carolina do Sul



A minha filha de dois anos nunca vacilou na sua convicção de que eu estava grávida do irmão. O meu marido e eu decidimos não saber, mas não queria que ela ficasse desiludida. Por isso, eu disse:

— Pode ser uma menina.

— Não — declarou. — Conheci-o no céu antes de eu nascer.

Ela tinha razão — tivemos um menino!

— **KELSEA ZOULAMIS**

Richmond, Maine



A minha filha Alissa nasceu em 1998, e ambos os avós paternos tinham morrido no início dos anos 80. Um dia íamos no carro e a minha filha inteligente e faladora, que tinha dois anos, disse-me que viu os avós, e que os tinha conhecido quando estava no céu com Deus. Isto pôs-me os cabelos em pé e só confirmou tudo aquilo em que acredito.

— **CASSANDRA GIOVANATTO**

Cloverdale, Califórnia



O meu avô era o verdadeiro patriarca da nossa família. Era muitas vezes procurado no bairro para dar conselhos e outras coisas, e era um veterano da Marinha, sábio e bondoso, que era comandante de um barco na Segunda Guerra Mundial. Teve um declínio longo e doloroso devido a um cancro no cérebro e a sua morte foi uma grande perda.

A minha sobrinha de três anos nunca conheceu o meu avô, embora possa ter ouvido falar dele à mesa ou visto fotografias dele. Um dia disse qualquer coisa sobre ele à mãe (que não acredita em vidas passadas, nem nada do género). A minha cunhada, que também nunca o conheceu, disse:

— Ah, sim, Boompa, o teu bisavô. Tu não o conheceste mas já viste a fotografia dele.

A minha sobrinha observou:

— Sim, Mãe, conheci. Estive com ele quando ele estava doente, e ele esteve comigo antes de eu descer.

A minha cunhada mandou-a repetir o que disse e depois chamou o marido, meu irmão, a tremer. Ficámos todos muito chocados!

— AMY STEINMAN

Wayne, Pensilvânia



Quando o meu filho tinha cerca de quatro anos de idade, levámo-lo às compras a um Walmart onde nunca tínhamos ido antes. Um idoso negro cumprimentou-nos à porta com um sorriso, dizendo:

— Olá! Bem-vindos ao Walmart.

O meu filho ficou tão entusiasmado. Levantou a mão e acenou, e respondeu exuberantemente:

— Olá! Como *estás*?

Disse isto como se estivesse a cumprimentar um velho amigo que não via há anos. (Costuma ser muito tímido com estranhos, pelo que a reação me apanhou desprevenida.) Logo de seguida, olhou para mim cheio de entusiasmo e disse:

— Ele era meu amigo. Conheci-o no céu com Deus.

Fiquei sem fala, tal como ficou o idoso.

— **KIMBERLIE HAWKINS**

Albrightsville, Pensilvânia



Um dia o meu sobrinho de três anos estava no carro e passou na rádio a canção «Only Sixteen» de Sam Cooke. Ele disse:

— Oh, o Avô adora o Sam Cookie.

Bem, o avô tinha morrido muitos anos antes de o meu sobrinho nascer, mas tinha razão — o Sam Cooke era um dos cantores preferidos do meu pai. Perguntei aos pais dele se algum dia tinham discutido isto com ele e disseram que não,

por isso, acho que, antes de o meu sobrinho nascer, estive com o seu avô. Isso traz-me muita paz e felicidade.

— MARY HIRSCH

Minneapolis, Minnesota



Tenho quatro filhos que foram educados num lar bastante espiritual. A minha filha mais nova, Abigail (que agora tem 30 anos), foi prematura de várias semanas. Quando peguei nela pela primeira vez, senti que era especial. Não era que fosse melhor do que os irmãos, mas é especial de uma maneira inexplicável.

A Abs cresceu como a maior parte das crianças com menos de cinco anos, a fazer perguntas que nos fazem a nós, pais, desejar ter estudado a enciclopédia antes da sua concepção. Contudo, os seus interrogatórios e comentários espirituais confundiam-me de alguma maneira e até me deixavam a questionar a minha fé e as minhas crenças. Depois, um dia, sem mais nem menos, quando descíamos a rua a pé para a minha aula de «Mulheres de Fé», ela anunciou:

— E quando eu estava no céu antes de nascer...

Ela tinha por volta de três anos. Não me esqueci, nem nunca me esquecerei daquelas palavras! Engasguei-me ao tentar esconder a surpresa e perguntei-lhe o que queria dizer com aquilo. Ela simplesmente continuou a falar sobre Deus e coisas bonitas e de uma grande luz, e de vir para baixo para

a barriga da mamã. Também contou como era viver na barriga da mamã. Ignorei a conversa, a pensar na aula que aí vinha. (Naquela altura era professora espiritual e pregadora local.) Para minha surpresa, a Abigail anunciou, quando tinha quatro anos, que ia ser a pregadora da nossa igreja quando tivesse sete anos. Como o pode confirmar quem nos conhece, ela começou a estudar a Bíblia e a fazer muitas perguntas espirituais. Depois, quando tinha cinco anos, começou a estudar o dicionário. E, tal como a sua profecia o tinha previsto, no seu sétimo aniversário, era a nossa pregadora mais nova até à data.

Nunca me esquecerei daquele domingo em que colocámos a nossa menina na cadeira em frente da nossa congregação e lhe entregámos o microfone, e a ouvimos falar de um lugar que estava dentro dela. Batemos as palmas com tanta força e elogiámo-la tanto, mas ela só pregou mais uma vez: quando tinha dez anos, escreveu um texto sobre «O que é o amor?» para uma celebração a meio da semana. Quando foi para a escola secundária, ficou cada vez menos interessada.

— REV. DAWNECIA PALMER

(conhecida como APOSTLE GRATEFUL)

Fishponds, Bristol, Reino Unido



Quando era pequena, tinha a recordação clara de ver os meus pais antes de nascer: estava a olhar para baixo, para eles,

quando estavam sentados no parque. Anos mais tarde, a minha mãe e eu estávamos a falar, e ela mencionou o seu lugar preferido num parque, para onde iam quando eram um jovem casal.

Pedi-lhe para me levar lá, e era exatamente o mesmo lugar das minhas memórias.

— **LOLA BRADY EVERETT**

Fairfax, Virgínia



O meu filho tinha cerca de quatro ou cinco anos e estávamos a almoçar quando, inopinadamente, me disse:

— Mamã, depois de Deus me fazer e antes de eu nascer, eu sabia que ia ser feliz. Só não sabia que brinquedos ia ter.

Isto deixou-me perplexa porque não estávamos a falar de Deus nem de religião, e ele disse isto sem mais nem menos.

— **KIM HERGERT**

West Boylson, Massachusetts



Fui educada religiosamente e escolhi deixar a minha filha, Angel'lina, ouvir falar de Deus apenas quando fosse mais velha. Contudo, ela falava de anjos e esferas muitas vezes, e via auras e cores — eu ficava imensamente fascinada com

a maneira como ela se sentava e ria e me perguntava se eu também os via. A explicação dela era que flutuavam como bolas de luz!

Quando a Angel'lina tinha cinco anos, foi-lhe diagnosticado TDA/H. Um dia desatou a chorar e disse:

— Porque é que Deus teve de fazer este mundo tão difícil? Só quero estar com Deus e os anjos!

Esta não foi a única vez em que se referiu ao facto de estar incomodada com Deus e à maneira como o mundo era — ela tinha profunda consciência de como o mundo podia ser mau. Um dia eu disse-lhe:

— Amo-te tanto.

E ela disse-me:

— Eu amo-te mais.

Depois eu disse:

— Bem, eu amei-te primeiro, quando estavas na minha barriga.

E ela disse:

— Não, eu amei-te primeiro quando estava no céu à espera de entrar na tua barriga.

A minha filha foi quem me devolveu a espiritualidade — tinha-me afastado da igreja quando tinha 15 anos — e foi através dela que encontrei uma maneira de expressar as minhas crenças e espiritualidade. Não teria tido ideia do poder dos mensageiros de Deus e de como me tinham andado a guiar todo este tempo se ela não me tivesse despertado a curiosidade.

— CARLY JO SANFILIPPO

Cambridge, Ontário, Canadá



A irmã gémea siamesa da minha mãe, Faye, tinha morrido quando tinham 23 anos de idade. Eram as melhores amigas, claro; apoiavam-se uma à outra ainda mais do que os gémeos verdadeiros normais por causa da sua infância muito difícil.

A minha filha, Julia, era uma criança muito faladora, como são muitas meninas! Um dia, a minha mãe perguntou-lhe se ela conhecia a Faye. A Julia respondeu:

— Conheço. Andava de baloiço com ela nas nuvens antes de vir. Estávamos a escolher a minha família e andávamos vestidas com vestidos brancos bonitos.

Ninguém tinha falado à Julia da Faye porque ainda era bebé — como podia ela ter vivido aquilo?

— JANIS MONACHINA

Lee, Massachusetts



Um dia o meu marido e eu falávamos com o nosso filho sobre os avós e mostrávamos-lhe fotografias deles, já que tinham morrido antes de ele os conhecer. O nosso filho tinha cerca de três anos nessa altura (agora tem 15) e disse-nos que conheceu o pai do meu marido quando vinha para cá. As suas palavras foram:

— Eu conheço-o. É o Poppy Henry. Vi-o quando vinha para junto de vocês.

— **MICHELE MIRA**

Stamford, Connecticut



O meu sobrinho, com três anos, disse-me que estava numa grande cadeira a ver a mãe chorar, e «ela precisava de alguém para amar, por isso tornei-me o bebé dela». Fiquei perplexa!

— **APRIL RANDLETT DUCHENEAU**

Dracut, Massachusetts



O meu filho de quatro anos costumava falar de quando estava no céu antes de nascer, e quando lhe perguntei como era, ele disse que era tudo parques.

— **RAINA THORSEN**

Staten Island, Nova Iorque



Quando o meu filho era muito pequeno, falou-me do «jogo de nascer». Disse que ele e alguns dos seus amigos

estavam numa grande igreja lá em cima, nas nuvens, antes de nascerem. Andavam a gatinhar em círculo à volta de um buraco no chão, e o chão era feito de nuvens. Ouvia-se música muito bonita. De vez em quando, a música parava e um dos amigos descia pelo buraco e nascia.

Eu não o levava à igreja quando era pequeno, por isso esta história foi especialmente surpreendente para mim.

— JOANN RICHMOND HINKSMON

Hamberg, Nova Jérсия



Quando tinha vinte e poucos anos, fui ama de um menino de dois anos e meio. Um dia, no fim do verão, levei-o ao parque que estava cheio de dentes-de-leão felpudos. Sentámo-nos e começámos a soprar, enchendo o ar de sementes. De repente, ele deixou de soprar. Olhou para o caule na mãozinha rechonchuda, e disse:

— Antes, eu era o deus destes.

Fiquei espantada e perguntei:

— Como era isso?

Mas ele limitou-se a levantar-se e a correr para o meio dos dentes-de-leão.

Nunca me esqueci do mistério, inocência e poder daquele momento.

— LISA FAIRMAN

Ramsey, Nova Jérсия



Quando a minha filha Angelica tinha quase três anos (tem agora 20), íamos de carro e conversávamos. Ela disse-me:

— Mamã, amo-te daqui até à Lua e voltar. — Uma coisa que dizíamos frequentemente uma à outra, por isso não foi nada de extraordinário. Eu estava a brincar com ela e perguntei-lhe se algum dia tinha ido à Lua. Disse que não. Eu disse:

— Fica lá muito longe, no céu. Algum dia foste ao céu?

Ela disse que sim.

— Foste? A minha mamã está no céu, e tenho pena que nunca a tenhas conhecido.

— Conheci, sim.

— Como?

A Angelica respondeu-me:

— Vi-a no céu com Deus.

O que a minha filha disse deu-me arrepios — a conversa era tão despreocupada e quase adulta. Contudo, admirou-me a facilidade com que lhe saiu da boca. Nunca me esquecerei desse dia.

— **BARB O'ROURKE**

Boca Raton, Florida



Esta história pode parecer irreal, e é por isso que não a contei a muitas pessoas, salvo aos membros mais próximos da família. Há cerca de 15 anos, eu já tinha três filhos, que nessa altura tinham entre 11 e 15 anos de idade. Foi-me «dito» que ia ter dois bebés para cuidar, e a «voz» que eu estava a ouvir referiu-se a eles como Grace e Noah. Recebi esta mensagem repetidamente durante cerca de cinco meses.

Eu não estava a tentar engravidar; de facto, bem pelo contrário. Contudo, descobri que estava grávida. Pensei que devia ter gémeos, não? Não, só um — por isso não fiz grande caso das vozes. Tive uma menina, e, embora não tivesse bem a certeza das vozes, pus-lhe Grace como segundo nome (nunca se sabe).

Nove meses mais tarde, fiquei grávida outra vez e tive um menino. O segundo nome dele é Noah.

Eis um pouco de informação complementar sobre a minha filha: ela é excecional e usava linguagem gestual aos seis meses para comunicar e já lia quando tinha dois anos. Sempre a chamei pelo primeiro nome, mas quando tinha dois anos, ela disse-me que sempre se tinha chamado Grace e que era assim que «todos os outros» a chamavam.

— Deus chama-me Grace assim como o Avô e a Avó no céu, e o Noah também — disse-me ela.

Perguntei se via Deus agora, porque não tinha a certeza de como era isto possível, e ela disse-me que não. Ela deixou Deus e os avós e o Noah para estar comigo, mas estava contente por o Noah querer estar aqui connosco também. (Ele tinha cerca de oito meses nessa altura.)

A minha filha disse-me que estava no céu antes do nascimento e lembrava-se desse tempo. Lembrava-se como se tivesse sido apenas mais um dia. Não íamos à igreja, por isso ela não tinha conhecimento, nessa altura, de quem Deus era... ou era isso que eu pensava.

— RHONDA THOMPSON

Fairfield, Iowa



Os meus filhos costumavam referir-se a um tempo antes de «virem para baixo», o que eu interpretava como antes de tomarem a forma humana. Falavam como se estivessem num lugar acima de nós e pudessem olhar para baixo e ver o que estava a acontecer aqui em baixo. Eu costumava adorar quando falavam disso!

— CATHY SCHANZE

Gilbert, Arizona

Sugiro que comecem a olhar as crianças da vossa vida como recém-chegadas do céu. Comuniquem com elas fazendo-lhes perguntas sobre as suas recordações. Sobretudo, não rejeitem o que elas possam dizer, por mais absurdo que possa parecer. Façam um esforço para envolver os vossos filhos em conversas

e, em vez de se assumirem como professores deles, permitam-lhes que eles assumam esse papel convosco. Sejam curiosos e ouvintes ativos levando-os a exteriorizar-se e tenham interesse genuíno naquilo que eles têm para oferecer.

Tenham consciência de que as crianças que estão a transmitir essas palavras misteriosas, que podem parecer difíceis de compreender, dizem a sua própria verdade única. Deixem que a sua honestidade e entusiasmo com estas memórias «estranhas» do céu vos lembrem que também vocês foram crianças pequenas em tempos, e que essa criança vive sempre dentro de vocês.

É importante nunca desprezar nem duvidar destas memórias, e ter em mente aquela famosa observação de Mark Twain: «Não é o que não se sabe que nos mete em problemas. É o que sabemos de certeza que não é assim.»



«O nosso nascimento é apenas um sono e um esquecimento.»

William Wordsworth

Toda a experiência humana é como um sonho: dormimos, sonhamos e depois acordamos, esquecendo todas aquelas experiências maravilhosas que experienciámos. Mas, às vezes, recordamos alguns pedaços desse sonho, particularmente se tivermos acabado de acordar. O nosso nascimento pode ser um sono, mas nem todas as crianças o esquecem.

Foi graças a essa ideia que esta obra nasceu. A Dee e eu percorremos milhares de relatos pessoais relacionados com as memórias que as crianças têm do céu. Muitas das histórias que os meus filhos me passaram quando estavam a aprender a falar, que eu pensava serem únicas para mim e para a minha família, afinal eram bastante universais. Inúmeras pessoas transmitiram-nos histórias quase idênticas de crianças que contam como se lembram de escolherem os pais para esta viagem, como tinham amigos que só elas viam, memórias de vidas passadas na mesma família, visitas a Deus e muito mais.



Wayne W. Dyer



Um livro fascinante que nos ajuda a perceber que existe muito mais do que aquilo que conseguimos captar com os nossos cinco sentidos.

Leia também:



 <p>o curso da sua vida</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8831-68-2</p>  <p>9 789898 831682</p> <p>Espiritualidades</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------